



MAURÍCIO
WALDMAN

Pensar & repensar: a civilização do lixo

Seguramente, o lixo tem solicitado as atenções dos mais diferentes atores sociais e segmentos da opinião pública. Impossível não perceber, as proporções do problema em nível mundial são notórias. No que seria sintomático, o geógrafo Jean Gottman propôs, já nos anos 1970 do século XX, que o período histórico sob o qual vivemos fosse definido como era do lixo ou do refugo.

Neste prisma, dado que a literatura especializada registra descarte mundial de 30 bilhões de toneladas de resíduos por ano, não haveria como deixar de concordar com tal ponderação. Certo também é que cifras como essas inviabilizam quaisquer tentativas de desqualificar o lixo enquanto problema emergencial. Além disso, são reveladoras de dilemas civilizatórios com os quais a humanidade se depara nos dias de hoje.

Certifiquemos que a sentença dilema civilizatório não configura arroubo de oratória. Pelo contrário, é bastante elucidativa das implicações suscitadas pelo temário do lixo. Bastaria atentar para a advertência do lixólogo Shabetai Calderoni. No seu entendimento, a poluição ambiental decorrente das inadequações na disposição final do lixo está conduzindo o planeta no sentido de pura e simplesmente desmantelar os sistemas de vida conhecidos.

Prova manifesta da magnitude desse problema é a onipresença dos descartes no ambiente. Mais e mais ganham materialidade montanhas artificiais resultantes do acúmulo e da difusão dos dejetos. Verdadeiro prenúncio da eclosão de um mundo lixo, qualquer pesquisa revela portentosa listagem de áreas onde o lixo se tornou senhor absoluto, materializada em dezenas de milhares de aterros, na poluição dos mares por toda sorte de sobras, na persistência irritante do lixo no ambiente urbano.

Mesmo assim, a coleção de espaços sob ocupação dos detritos não cessa de crescer. Sabe-se que no mundo os rebotalhos estão proliferando na ordem de 8% a cada 365 dias. Nessa progressão, calcula-se que a Terra em 2050 estará sufocada pela assombrosa massa de um trilhão e 500 bilhões de toneladas de sobras. Verdade que não admite silêncio, o lixo expressa uma voracidade sem precedentes de uso dos recursos naturais.

Em termos mundiais, apenas a quantidade de lixo municipal coletado – estimada em 1,2 bilhão de toneladas – supera nos dias de hoje a produção global de aço, orçada em um bilhão de toneladas. Por sua vez, as cidades ejetam rejeitos – 2 bilhões de toneladas – que superam no mínimo em 20% a produção planetária de cereais, demonstrando que o mundo atual gera mais refugo que alimento básico.

É importante sublinhar que um quinhão considerável da multiplicação dos lixos provém das economias emergentes. O Brasil desponta neste panorama como um ator de proa. Saliente-se que conquanto corresponda a 3,06% da população mundial e 3,5% do PIB global, o país é por outro lado origem de um montante estipulado entre 5,5 e 6,9% do total mundial dos resíduos sólidos urbanos.

Assim, a realidade requer a revisão do estilo de vida e do modelo de desenvolvimento, premissas indispensáveis para reconsiderar opções disponíveis à humanidade. Recordemos a célebre sentença do filósofo e escritor francês Paul Valéry, que incisivamente definiu: “Não mais existem vazios sobre o mapa. Começa a era do mundo finito”. É essa a indagação que o lixo coloca para a sociedade mundial. É o que o mundo lixo impõe de modo categórico, com urgência e prontidão.

EDITORA KOTEV

Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados
pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

[https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%](https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%92)

[Adcio+waldman%22&pageNumber=2](https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%92)

